

Arquidiocese de Niterói
Paroquia Nossa Senhora da Assunção
Cristologia – Pe. Marcelo Chelles – 7ª Aula

O SÉCULO TERCEIRO

Lição 1: Generalidades

No século III perdurou a influência do gnosticismo dualista, que levava a negar a verdadeira Encarnação. Eis, porém, que nova heresia veio à tona em consequência da dificuldade, de conciliar unidade e trindade em Deus. Trata-se do **Monarquianismo**, doutrina que professa a monarquia em Deus, ou seja, uma única **arché**, um único princípio. Tal doutrina tomou duas modalidades:

— **Monarquianismo modalista ou patripassiano**: que professa que há somente uma pessoa em Deus, sendo o Filho e o Espírito Santo modalidades dessa Pessoa (o Pai). O nome “Patripassianismo” deriva-se do latim “Pater passus est” (o Pai padeceu ou foi crucificado). Entre os representantes desta corrente herética contam-se Noeto, Sabélio, Práxelas e, principalmente, Paulo de Samosata.

Em 268, Paulo de Samosata foi condenado por um Sínodo em Antioquia. Ele afirmava que o Filho é a própria pessoa do Pai e portanto não se distinguia do Pai.

— **Monarquianismo dinamista ou ebionita**: somente o Pai é Deus. — O Filho é um homem que recebeu **a dynamis**, ou seja, a força de Deus. O fundador desta corrente foi Teódoto, de Bizâncio.

Vemos, pois, que no século III, os escritores ortodoxos tiveram que responder tanto às afirmações do Gnosticismo como às do Monarquianismo. Duas escolas teológicas se salientaram nessa época: a de **Cartago**, com Tertuliano e S. Cipriano, que contribuíram para forjar o linguajar teológico latino; e a de **Alexandria**, onde se distinguiram Clemente e Orígenes.

Lição 2: Tertuliano († 220 aproximadamente)

Tertuliano converteu-se do paganismo ao Cristianismo em 195 aproximadamente, com 35 anos de idade. Era um bom jurista latino, dotado de vasta formação retórica e conhecimento da língua grega.

A Cristologia de Tertuliano visa principalmente ao Gnosticismo; por conseguinte, enfatiza a realidade da carne de Cristo:

“Agora que se afirma ser mentira Cristo enquanto carne, acontece que todas as coisas que ocorreram por meio da carne de Cristo foram feitas por meio da mentira: os seus encontros, os seus contatos, o seu viver com os outros, os seus próprios milagres... Assim nem a Paixão de Cristo merecerá fé. Nada sofreu quem não sofreu na realidade, e

sofrer na realidade era impossível a um fantasma. Fica, pois, destruída toda a obra de Deus. Ficam cancelados todo o significado e o fruto do nome cristão, isto é, a morte de Cristo. Mas, negada a morte, quando se nega a carne, nem mais a ressurreição será certa... Além disto, posta em dúvida a ressurreição, também a nossa perece... E assim vã é nossa fé... E estamos ainda no pecado, e os que adormeceram em Cristo perderam-se, destinados certamente à ressurreição, mas talvez sob a forma de fantasmas, como já terá acontecido com Cristo” (**Contra Marciano III 8,4- 7**).

Até aqui nada há de novo na Cristologia de Tertuliano. O que este autor tem de próprio, é o conceito de dispositio, disposição da graça através dos tempos. Tertuliano julga que a vida da SS. Trindade se desdobra com a criação e a redenção do mundo. Com efeito; ele concebe a geração do Verbo em Deus como paralela à ação criadora de Deus e condicionada por esta; com outras palavras, o Verbo teve início quando Deus Pai quis dar início ao mundo; assim Ele é Deus, não, porém, na medida em que o Pai é Deus. Também o Espírito Santo é subordinado à ação salvífica do Pai. Desta maneira a Divindade do Pai, do Filho e do Espírito Santo ‘se distribui’ ou ‘se dispõe’, dando lugar a três graus da Divindade, não apenas distintos entre si, mas subordinados.

Considerando Cristo diretamente, Tertuliano vê nele um duplo estado, ou seja, duas naturezas bem distintas uma da outra (a Divina e a humana), mas unidas entre si de tal modo que Jesus é um só eu, um só sujeito, uma só pessoa (divina). A dualidade de naturezas e a unidade de pessoa é assim formulada:

“Vemos este duplo estado, não confundido, mas reunido numa só Pessoa, Jesus, Deus e homem. E a tal ponto fica salvaguardada a peculiaridade de uma e outra substância que nele o Espírito realizou as suas operações, isto é, os seus milagres, as suas obras e os seus sinais, e a carne experimentou as suas paixões, a fome com o demônio, a sede com a Samaritana, as lágrimas por causa de Lázaro e a angústia até a morte e finalmente a própria morte” (**Contra Práxelas 27,11**).

Vê-se que, para Tertuliano, a realidade única de Cristo não exclui, mas implica, uma duplicidade de componentes, reunidos, mas não confundidos; esta duplicidade pertence a única pessoa, a do Verbo.

Temos aqui a antecipação da fórmula que mais tarde será definida no Concílio de Calcedônia (451).

Lição 3: Orígenes de Alexandria († 254)

Em Alexandria foi fundada no fim do século II uma famosa Escola Catequética, cujo mestre mais famoso foi Orígenes. Inspirava-se na filosofia de Platão, muito voltada para os valores transcendentais e invisíveis. Na exegese bíblica seguia a tendência alegorizante, interpretando a letra do texto como símbolo de realidades espirituais.

Em sua Cristologia, Orígenes admitia, com autores anteriores, uma certa inferioridade do Filho em relação ao Pai. O Filho é bom, mas não igual ao Pai, de cuja bondade Ele é a imagem (De **Principiis** I 2,13); conhece o Pai, mas não como o Pai conhece a si mesmo (ib. IV 4,8); é o ministro do Pai (ib. Prefácio 4).

O mistério da Encarnação é professado de maneira ortodoxa. Com efeito: o Filho assumiu a carne humana e se fez mediador nosso, por amor aos homens e obediência ao

Pai:

“Aquele que veio até os homens possuía a condição de Deus é, por amor aos homens, que se aniquilou(F12,6s) a fim de poder ser compreendido pelos homens” (Contra Celso 4,15).

O Verbo não assumiu uma aparência de homem, nem apenas a carne humana, mas corpo e alma, mediante os quais Ele pode padecer; todavia não perdeu, por isto, seus predicados divinos:

“Pelo fato de que Deus, Verbo imortal assumiu um corpo mortal, parece a Celso¹ que o Verbo muda e se transforma. Pois bem; saiba, Celso, que o Verbo nada sofre daquilo que o corpo e a alma sofrem” (ib).

Jesus Cristo assim se fez nosso Sacerdote, que, tendo morrido na Cruz, ressuscitou e está à direita do Pai, intercedendo por nós:

“Nossa mente... se ergue ao Deus Supremo, ao qual tributamos honra mediante nossa vida reta e nossas orações. Estas, nós as dirigimos por intermédio de Jesus, que está entre o incriado e as criaturas. Ele nos traz os benefícios do Pai e, como Sumo Sacerdote, leva - nossas preces ao Deus Supremo” (Contra Celso 3,34).

Todavia a Cristologia de Orígenes fica imperfeita, pois ele admite que a alma de Cristo preexistia à Encarnação, unida ao Verbo; mediante essa alma o Verbo se terá unido ao corpo de Jesus. Eis os dizeres do escritor:

“Sendo essa alma intermediária entre Deus e a carne (porque é impossível que a - natureza de Deus se mescle com um corpo sem intermediário), o Deus Homem nasceu... tendo como intermediária essa substância, a cuja natureza não repugna assumir um corpo. Por outro lado, também não era contrário à natureza dessa alma, como substância racional que era, receber a Deus, em que ela já tinha entrado totalmente... Por conseguinte, ela merece, juntamente com a carne que assumiu, os títulos de Filho de Deus, e Sabedoria de Deus, pois estava toda inteira no Filho de Deus ou tinha recebido todo inteiro, dentro de si, o Filho de Deus”(De principiis 2,63).

Na verdade, a alma humana não preexiste ao corpo que ela vivifica, nem mesmo no caso do Verbo Encarnado. O Filho de Deus assumiu diretamente a natureza humana, que consta de corpo e alma, sem necessitar de intermediário. Essa união é ilustrada pela imagem - de um carvão em brasa: o fogo penetra diretamente dentro do carvão, tornando-o reluzente e quente como o próprio fogo; assim a Divindade, entrando no humano, quis santificar e transfigurar tudo o que é humano mediante o seu contato direto.

A tese de Orígenes assim enunciada haveria de suscitar problemas aos autores posteriores, dada a grande autoridade do mestre alexandrino nos séculos subsequentes.

Orígenes explana satisfatoriamente a obra salvífica de Cristo. Considera a morte de Jesus um sacrifício de expiação perfeito e definitivo, que aboliu os sacrifícios anteriores prescritos pela Lei de Moisés. O homem não podia salvar a si mesmo por causa da sua pecaminosidade; em consequência, Deus quis tomar a iniciativa da redenção humana, indo muito além dos méritos do homem. Ao professar esta doutrina, ainda que

embrionariamente, Orígenes dava origem, na Teologia patrística, à doutrina da Redenção mediante o sacrifício expiatório da Cruz.

Orígenes é certamente um marco importante na história da Cristologia, que ele enriqueceu com seus ensinamentos, deixando, porém, aos seus seguidores interrogações abertas.

1 Celso era um filósofo grego eclético, adversário dos cristãos e autor de uma obra sarcástica, que Orígenes refutou no seu extenso trabalho Contra Celso” Só conhecemos o pensamento de Celso mediante os fragmentos que Orígenes cita dos escritos de Celso. Vale a pena sintetizar o que este opositor pensava e dizia a respeito de Cristo e dos cristãos:

*“Jesus nasce do adultério de um soldado romano com uma virgem seduzida. Trabalha como operário diarista no Egito, onde aprende as artes mágicas; retorna à sua pátria, conhecendo os truques mágicos e consegue ser aclamado Deus ou Filho de Deus. Em sua vida pública andou errante com um bando de pescadores e cobradores de impostos, modelos de ignomínia, mendigando ignominiosamente o seu sustento. Todavia o grande escândalo foi a sua paixão, prova evidente de que nada de divino havia nele. Se era Deus, por que não aniquilou aqueles que o foram prender? Por que se deixou pregar na cruz e não desapareceu dela sem demora? E a sua ressurreição? Mera lenda, à qual se podem contrapor tantas e tantas ressurreições de que fala a literatura grega. A sua pessoa não fica isenta de censuras, foi um fanfarrão e certamente um mero homem, sem nada que o destaque entre tantos homens de virtude superior; entre estes podiam os cristãos escolher a quem adorar, e não a esse homem, que nem merece ser tido como homem” (Ruiz Bueno, Introdução ao **Contra Celso**, edição espanhola da BAC, Madrid, 1967, p. 10).*